

MERCADOS EM CRISE: BC promove alta nos juros do 'over' e mostra que está insatisfeito com o volume da evasão de reservas

Saída de dólares pelo flutuante é a menor do mês

Perda é de US\$ 67 milhões, a primeira em setembro inferior a US\$ 100 milhões. Fuga total ainda é alta, de US\$ 515 milhões

• RIO e BRASÍLIA. A saída de dólares do país não estancou, mas deu ontem sinais de estar mudando de perfil e se tornando menos preocupante. A perda de divisas pelo mercado de taxas flutuantes, por onde passa o dinheiro remetido para fora por investidores brasileiros assustados com a crise, foi ontem a menor desde o dia 10 do mês passado. O saldo do flutuante ficou negativo em apenas US\$ 67 milhões, caindo abaixo dos US\$ 100 milhões por dia pela primeira vez em setembro.

— É sinal de que os agentes internos estão, afinal, mais confiantes e mais contidos. E de que boa parte do dinheiro que tinha que ser remetido já saiu — afirma o gerente de câmbio de um grande banco de investimento.

Comercial teve concentração de operações vencendo no dia

A fuga de divisas pelo flutuante preocupa o Banco Central e o mercado sobretudo porque não há um limite para as saídas, ao contrário das saídas pelo câmbio comercial. Nesse, a fuga fica limitada ao estoque total de dinheiro estrangeiro que já havia no país. Pelo flutuante, os investidores brasileiros podem remeter dinheiro indeterminadamente, em caso de pânico. O único limite seria o fim das reservas.

A redução das saídas pelo flutuante, entretanto, não bastou para que a perda de reservas fosse ontem menor. O saldo do câmbio comercial ficou negativo em US\$ 448 milhões, o maior desde o dia 11 — o primeiro dia após a elevação da Taxa de Assistência Bancária do Banco Central

(Tban) a 49,75%. A saída total, com isso, ficou em US\$ 515 milhões no dia.

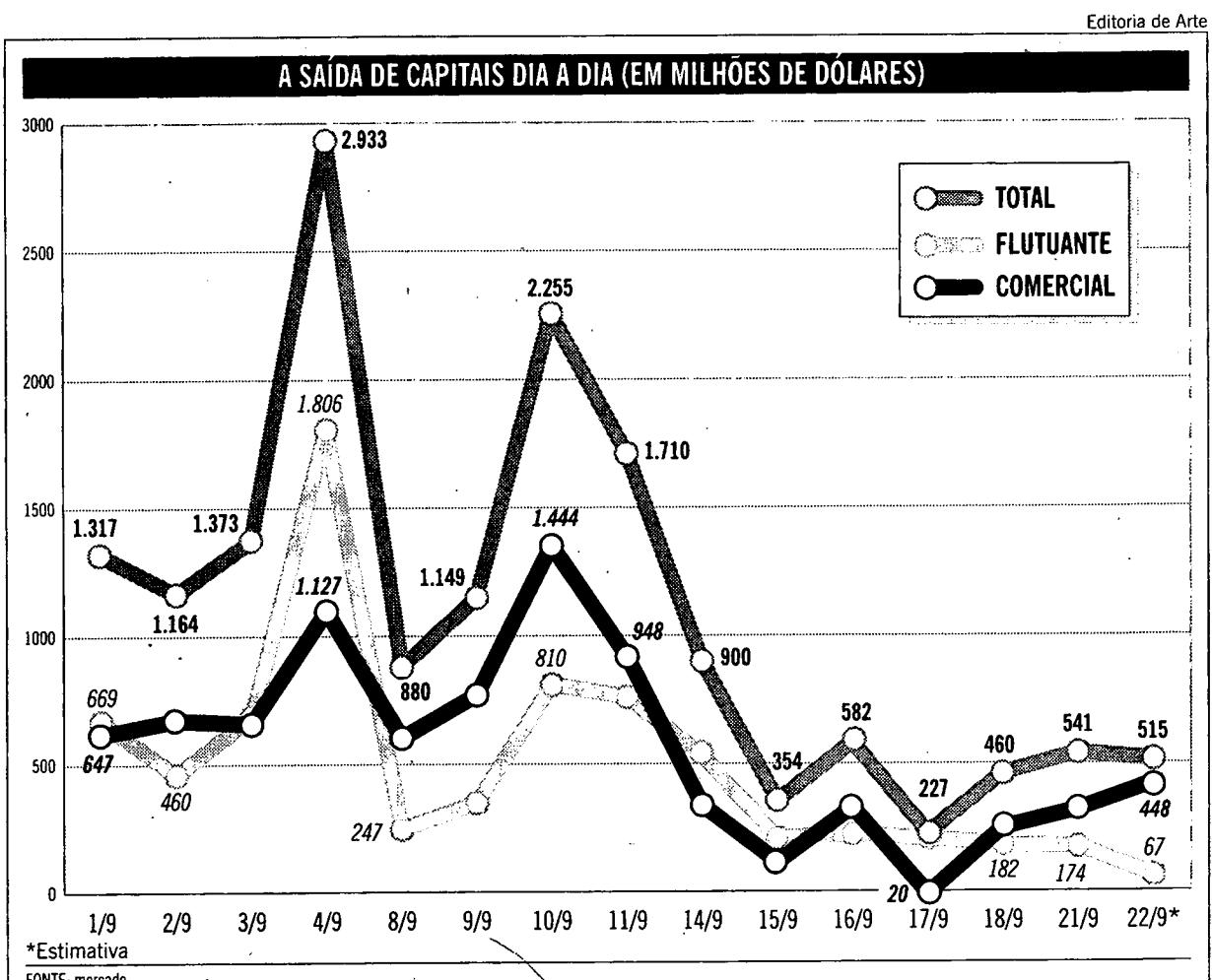
Essa perda, entretanto, se deve menos a uma corrida de pânico de investidores e mais a um cronograma já previsto de remessas para o exterior. O dia de ontem concentrou um grande número de vencimentos de eurobônus de empresas brasileiras e de operações do tipo "63 caipira" (aplicações em renda fixa de dinheiro captado no exterior), além de pagamentos de importações.

País já perdeu US\$ 16,3 bilhões em reservas no mês

Com as saídas de ontem, o país já perdeu no mês US\$ 16,3 bilhões de suas reservas, pelos mercados de câmbio. Os bancos calculam que as reservas estão agora na casa dos US\$ 46 bilhões. O número inquieta o mercado e faz com que os operadores passem o dia de olho no fluxo cambial. Ontem correram boatos de que o fluxo poderia ser negativo em até US\$ 700 milhões.

Para técnicos do BC, os boatos sobre saídas fortes de dólares do país não passaram de uma confusão feita pelo mercado em função da atuação do BC durante o dia, que interveio no mercado vendendo dólares apenas quando a cotação já estava próxima do teto da minibanda, fixado ontem em R\$ 1,1840 por dólar. Nas últimas semanas, as intervenções, por meio do Banco do Brasil, ocorriam em um ponto mais baixo, a 0,20 centavo do teto.

O investidores interpretaram esse aumento como um indicativo de que havia uma maior pro-



cura por dólares, o que estava pressionando a cotação da moeda. A chefe do Departamento de Operações das Reservas Internacionais, Maria do Socorro Carvalho, afirmou que isso não estava relacionado com maior pressão do mercado e disse que foi um desígnio normal do BC. Segundo ela, o BC atua no ponto em que acredita ser o ideal. A chefe do Depin disse ainda que a regra é justamente não ter regras de atuação.

O BC também deu, por meio de sua mesa de operações, uma mostra clara de que não está satisfeito com o tamanho da perda diária de divisas no país. Pelo segundo dia consecutivo, o BC fez uma pequena elevação dos juros, emprestando dinheiro pelos bancos a uma taxa maior do que a da véspera. Logo 20 minutos após a abertura do dia, o BC emprestou dinheiro por um dia a 40% ao ano, acima dos 39,90% da véspera.

Uma hora mais tarde, nova intervenção e nova puxada na taxa, dessa vez para 40,10%.

Os analistas do mercado entenderam as intervenções como um aviso do BC de que, se necessário, tornará a puxar os juros na tentativa de controlar a saída de dólares. O limite, no momento, seria de 49,75%, a taxa da Tban desde a noite do dia 10.

Com a medida, o BC mostra que pode tornar a captação de di-

nheiro ainda mais cara no Brasil. É uma forma de inibir indiretamente as remessas de divisas para o exterior. Os investidores precisam ter reais nas mãos para conseguir comprar dólares e remetê-los para fora do país, mas a captação de reais fica mais cara quando os juros sobem.

O BC foi bem sucedido ontem pela primeira vez no mês em um leilão de títulos públicos. Foram vendidos R\$ 3,5 bilhões em um só título com juros pós-fixados, Letras Financeiras do Tesouro (LFTs), e dessa vez o mercado aceitou até um pequeno deságio na taxa para comprar os papéis. Os bancos e fundos de investimento precisavam dos papéis para suas carteiras: em duas semanas venceram R\$ 14 bilhões em títulos e o BC só ofereceu ontem R\$ 3,5 bilhões.

Bolsa de São Paulo tem alta de 1,7% no dia

As bolsas tiveram ontem o segundo dia consecutivo de baixo volume de negócios. A Bovespa ficou em apenas R\$ 373 milhões e a Bolsa do Rio, em menos de R\$ 4 milhões. Uma das razões está no fato de que a cisão das ações da Telebrás em 13 novos papéis impossibilitou operações que os investidores faziam antes, aproveitando as diferenças entre as cotações no Brasil e em Nova York. O Índice Bovespa acompanhou a variação do Dow Jones, de Nova York, e subiu 1,70% no dia. O destaque continuou nos recibos da Telebrás, que reúne as 13 novas ações e movimentou 47% dos negócios no pregão. O Dow Jones fechou em baixa de 0,45%. ■